

Cesro Maria de Mello Pupo

"A história é a mestra da vida"
 diz o signo acadêmico de instituição paulista da capital do estado, como a nos
 abrir uma rede da mocidade à re-
 lluce, pela qual caminham os infantes
 ansiosos da descoberta para seu futuro.

Mestra que seja, pois nos dá a
 vida humana com a multiplicidade
 de exemplos do bem e do mal, da ação
 e da inação, da inteligência e da obscu-
 ridade, da cultura e da incultura, abrida
 imensidade de caminhos para os que
 se aprazem em percorrer seus meandros
 numerosos e multiformes, até insonda-
 reis quando o caminho ~~se~~ ~~proporcion~~
 se finda na obscuridade do tempo que
 passou sem registro para os que querem
 historiar.

Assim urge começar por uma das fi-
 guras interessantes ~~da vida~~ ~~da~~ componente da vida
 médica, ~~a~~ ~~farmacêutica~~ ~~que~~ em nossos últimos
 tempos tem sido objeto ^{de} ~~investigações~~ ^{investigações} e trabalhos
 de vários biógrafos, com ^{primazia para o} ~~conhecido~~ ~~do~~ conhecido
 e estimado médico Francisco José Monteiro
 Sales, autor da mais completa biografia do
^{boticário} ~~farmacêutico~~ Joaquim Correia de Melo,
~~amigo da nossa maior estima e confidência~~
~~Academia Campense de Letras.~~

Nada temos a acrescentar a trabalhos an-

3
teriores, se não notássemos a distância do tempo em que se repetiam nomes de cientistas e entidades europeias que reconheceram e homenagearam o ~~Doutor~~^{Sábio} de Campinas. Publicação desta particularidade se fez em notícia de seu falecimento pelas colunas de periódico brasileiro, riquíssimo em gravuras, que se distribuía em Nova York, escrito em português, sob o título de "O Novo Mundo" e com o curioso subtítulo de "Periódico Ilustrado do Progresso da Idade", em seu número 88 do volume VIII de abril do ano de 1878, no qual vem o nome de família Correia, como manda a última reforma ortográfica, e não Correa como se usava anteriormente.

Joaquim Correia de Melo era modesto farmacêutico de Campinas, só conhecido na cidade como "Quinzinho da Botica", o que prova com o escândalo com o nosso imperial visitante, o Sr. Dom Pedro II, que, pedindo para ter um encontro com o "sábio ~~Joaquim~~ Correia de Melo" deu-lhe a sua corte de áulicos que permitia, ~~seu~~ ~~Majestade~~ em certas dificuldades por não conhecer o "sábio Correia de Melo" até que alguém presente concluir que se tratava do Quinzinho da Botica, tornando possível o desejado encontro.

Joaquim Correia de Melo era sobrinho afim do cirurgião Francisco Álvares Machado e o acompanhou em sua mudança para Campi-

4
mas, quando o tio aqui se fixou para o exercício da cirurgia e estabelecimento da primeira farmácia da cidade.

2 A

Foi Campinas um campo magnífico para pesquisas e estudos de Correia de Melo que, exercendo as funções de farmacêutico no tempo em que lhe era exigido um largo conhecimento da flora medicinal, dispôs de vasto campo de colheita do conhecido e ~~da~~ ^{da} pesquisa do desconhecido; a mata exuberante e frondosa que circundava Campinas, les gigantes exemplares de nossa flora, portadores ou protetores de espécimes de maior interesse na farmacologia, abriam para Correia de Melo vasto ambiente de pesquisa científica que ele soube aproveitar, colher, classificar e transmitir para os maiores centros culturais de países mais adiantados.

E como não exultaria aquele apóstolo da ~~pesquisa~~ ^{busca} científica vindo abrir-se a seus cidadãos, aquele tesouro inesgotável de vegetais benfeitores da humanidade carente de medicação. Teria então, o farmacólogo, percorrido léguas de mata virgem, procurando, examinando em longas caminhadas pelo silêncio da mata desconhecida, com seu andar de sábio pesquisador. Era ~~o~~ ^{adulta} ~~o~~ planta rasteira, a trepadeira em altos arvores; eram as verdes folhas ou lindas flores coloridas estendendo o olhar presencioso do sábio atento que se curvava ao solo ou alongava os bra-

Tam tanta coisa os recenseamentos popu-³lacionais, marcando sua semana
em de 1775, ~~por~~ por ele mesmo subscrito
aos 8 de maio de ^{quinte}~~1775~~.

A 14 de julho de 1774, Campinas nasceu para a vida urbana, marcando sua fundação com a instalação de distrito ou freguesia, celebrada missa festiva e batizado o primeiro infante com o respetivo registro - após o histórico da fundação - dando atividade ao cartório eclesiástico de Campinas. Hoje, duzentos e nove anos depois desta fundação, podemos lembrar que ali onde está o parque Portugal, ao início da estrada para Moji-Mirim, à esquerda de quem vai, esteve a casa rural do primeiro povoador que em suas terras, na hoje praça Bento Quirino, no local da estátua de Carlos Gomes levantou - com a colaboração de seu parente o franciscano Frei Antônio de Pádua Teixeira, F. Pedroso e Luís Antônio de Carvalho Banhos, - levantou a primeira igreja, provisória,

que serviu por sete ⁴ anos. Estes dois locais históricos se reerestem ^{por} de natureza verdejante da flora nacional, como a simbolizar o vigor perene da ~~nossa~~ cidade, nascida dos alicerces da primeira igreja fronteira à capela provisória, ambas opostas em um só pátio, em cuja memória se aponta o berço de Campinas.

Fundada a freguesia, traçado o pátio de sua igreja, continuou Campinas participando do termo da vila de Jundiaí até o ano de 1797 quando se tornou vila autónoma marcada com a ereção do pelourinho em sua praça própria, hoje denominada praça Antão Pompeu.

Eis como parece esta localização em meu último trabalho publicado:

salta

4

5

Campinas passou a governar-se
- caminho de seu progresso, segurança
de sua grandeza - o que a levou anos
adiante ao apogeu que alcançou ainda
no Brasil imperial não só no campo
econômico com sua indústria açuca-
reira de ótima produção do "açúcar
Campinas", assim conhecido nos merca-
dos consumidores europeus, ~~e com~~ ~~como~~ ~~depois~~,
e com o seu "café-Campinas" não menos
famoso que o açúcar, mas também, e
brilhantemente, no campo intelectual
das ciências, das letras e das artes, ^{palavras} sabi-
mente comportas para titular esta pres-
tigiosa casa de cultura que nos acolhe.

Da ciência, ressaltá logo a desco-
berta pioneira da fotografia pelo dedi-
cado Heícules Florence, aqui fixado com
sua família em 1830, já em 1832 descobridor
da fotografia, no que teve seu melhor
historiador o Professor Boris Kossov que
provou o pioneirismo de Florence em
Campinas.)

(Para a concorrência da ^{química} ~~física~~
em seu descobrimento, teve ele como
colaborador o ~~famoso~~ boticário de Campi-

nas traquin⁶ Correia de Melo, outro cien-⁵
tista que, pelos seus valiosos trabalhos
divulgou na Europa o nome de Cam-
pinas, destacando-a como campo de
atividade de cientista de alto nível

O Boticário

O farmacêutico Correia de Melo
queria homem modesto como geralmen-
te são marcados os sábios. Sua vida
foi contada em Campinas — como úl-
tima e ótima publicação sobre ele —
pelo médico Francisco José Monteiro
Sales, historiando a existência ~~de~~
do profissional que se impôs no
mundo científico da época.

Dependia de nossa flora a
vida ~~de~~ farmacêutica; "a arte Te-
rapêutica era na maior parte exer-
cida com produtos ou derivados ~~de~~
vegetais de botânica aplicada, espe-
cialmente no tocante à flora do Novo
Mundo, encontrava-se em plena fase
do desbravamento" E Correia de Melo
embrenhava-se pelas florestas campí-

5
ços para cima, ou mesmo se aventurava em alta
galharia de frondosas árvores na busca benemé-
rita da folha, da flor, do caule sumarento,
na ânsia do sábio que ~~percorre~~ percorre, se
afadiga para atingir ² ~~B~~ merecidamente o prêmio
de seu labor.

Correia de Mello, homem que se dede-
brava em trabalhos pelo bem comum, muito
produzindo em seu campo de ciência, venceu
as fronteiras de nossa pátria, ingressou em
meios culturais dos mais adiantados países
do ~~continente~~ globo, levando seu nome, mas
também o nome do Brasil, para admira-
ção de um universo científico.

Faleceu Joaquim Correia de Mello a
20 de dezembro de 1877 e, como dissemos, em
abril de 1878 noticiava o jornal brasileiro de Nova
York o seu falecimento com ^{este} ~~o~~ término de no-
tícia reveladora de seus títulos:

7 6

meuses em busca de exemplares para suas pesquisas; "subir em árvores, visitá-las no ambiente natural e nas épocas convenientes para as observações (florescimentos, frutificações)" eram atividades que exercia com idealismo.

Valia-se Correia de Melo dos seus conhecimentos cada vez mais profundos, com acervo cada vez maior, e de suas ilustrações e registros, espandendo-se pelo mundo científico da Europa e outras regiões, correspondendo-se com instituições culturais das mais renomadas, dando a seu nome invulgar conhecimentos. ~~quando ocorreu o fato já conhecido de Campinas:~~

Isso se tem repetido em Campinas, com as afirmações de seu nome nos círculos mais adiantados dos países de maior civilização. Mas quais estes cientistas e entidades que reconheciam o valor do boticário Quinzinho da Botica, de Campinas?

dos presentes, com ⁸ esforço mental, con-
cluiu que poderia ser o modesto far-
macêutico, o Quinzinho da Botica!

Terce, então, o Imperador, satisfeito
o seu desejo em duas visitas que, a seu
convite, lhe fez o provinciano farma-
cêutico que era o mesmo sábio co-
nhecido no mundo científico pela
sua correspondência e remessa de
exemplares desconhecidos do mundo

culto. ~~o simpático, com as opiniões da ciência e da natureza~~
Podemos hoje indicar que a maior revela-

ção sobre o

conceito de que gozava Correia de Melo
no mundo culto, se deve a um perio-
dico brasileiro publicado em língua
portuguesa em Nova York, sob o
título de "Novo Mundo", que noticiou em
1878 o que hoje é ignorado.

"Correia de Melo entretinha re-
lações com os mais notáveis botâ-
nicos da Inglaterra, da França, da
Bélgica e até da Austrália, os quais
se julgavam felizes em ter um
prestimoso amigo a prestá-los
continuamente com os melhores espéc-
imes da Terra Prometida dos Natura-

salto

com
atitudes

listas, no bello dizer do botânico Richard. Citaremos entre os amigos do illustre botânico paulistano, sir Daniel Hamburg, prestigioso nome na botânica inglesa; sir George ~~Bentham~~ Bentham, presidente da Sociedade Linneana de Londres; sir Joseph Dalton Hooker, director do famoso Kew-Garden; o dr. Edouard Bureau, vice presidente da Sociedade Botânica da França; William Nylander, que se há celebrizado no difficil estudo dos lichens, que os botânicos hodiernos demonstraram ser cogumelos, parasitas de algas; Eduard Morren, professor de botânica na Universidade de Liège; e o Barão Ferdinand von Muller, director do grande jardim Botânico de Melbourne, na Austrália.

Os excellentes esforços de Correa de Melo foram, em 1868, coroados por uma justa distincção honorífica. A Société Imperiale et Centrale d'Horticulture de France votou-lhe Linda medalha de vermeil pela introdução no jardins de Paris de 21

10 9

espécies de bignoniáceas, com elogio em que se aplica a Correia de Melo a honrosa qualificação de zélé et savant botaniste brésilien.

Por serviços análogos enviou-lhe também preciosa medalha, o jardim botânico de São Petersburgo. Em 1869 foi eleito membro estrangeiro da Sociedade Botânica de Edimburgo, e em 1870 membro honorário de British Pharmaceutical Conference. Em 1875, a pedido do Senador Godói, escreveu a parte botânica do livro sobre a província de São Paulo que aqui se distribuiu durante a Exposição Universal de Filadélfia. Parece ter sido esse o último serviço que prestou Joaquim Correia de Melo à flora e à província de São Paulo.

~~Os Práticos e as Cirurgias~~

Do júbilo de conhecer com particularidades a grandeza da personalidade de Joaquim Correia de Melo, ocorenos lembrar os primórdios da cirurgia em Campinas, por praticos e por oficialmente titulados para tal mister lembrando

Os Práticos e as Cirurgias

praticamente em 1850, Campinas ¹⁰ que
~~enriquecera com a indústria açucareira~~
~~saída de sua modestia primitiva do tem-~~
~~po das roças, ou culturas de cereais quase~~
~~so para consumo próprio.~~ ¹¹ Campinas ~~vio~~
~~a cultura cafeeira suplantando a indústria~~
~~do açúcar.~~ Se o açúcar deu riqueza a Cam-
pinas, permitindo a construção de solares
vastos nos engenhos e grande abundância
de passadiços, dentro dos hábitos sóbrios
do paulista — dispunha a população
do prático em amputações de membros
triturados nos cilindros da moenda de
cana, homens que salvaram vítimas
daquelles ^{acidentes} ~~desastres~~, repetidos nos grandes
engenhos da primeira fase áurea da ri-
queza de Campinas.

O trabalho destes práticos ces-
sou com a vinda dos cirurgiões como
Francisco Álvares Machado, cirurgiões
que eram preparados em cursos reduzi-
dos, para acidentes do trabalho e outras
cirurgias como a das cataratas já co-
muns na vida civil. Foi o cirurgião
um transcurso entre o prático e o mé-
dico titulado, o que, para a época,
representou valioso progresso.

As Faculdades^{12/} de Direito de Recife e São Paulo, esta inaugurada solenemente a 1.º de março de 1828 como "Curso de Ciências Jurídicas e Sociais"; as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia que se achavam instaladas em 1833 por força do decreto de 3 de outubro de 1832, consolidaram-se permitindo que não só os mais ricos que estudavam na Europa e Estados Unidos, seguissem no Brasil os cursos superiores, permitindo

a assistência de médicos e, consequentemente a existência de hospitais

Médicos e Hospitais
 Campanias que dispõem de cirurgias e farmacêuticos para seu servi-

13 12

co de saúde, em 1837 já tinha seu primeiro médico titulado em Faculdade, o dr. Justiniano de Melo Franco, cuja permanência em nossa cidade foi breve. Seu sucessor e segundo médico aqui fixado em 1844, foi o dr. Laroche; depois, em 1845, aqui chegou o irlandês dr. Ricardo Gumbleton Launt, formado na Faculdade de Edimburgo, com especializações nas Faculdades de Medicina de Paris e Viena, até deixar a Europa em busca do Brasil, ~~seguindo~~ em Campanhas seguído pelo dr. Bayeux, multiplicando-se estes profissionais ^{na cidade} ~~em Campanhas~~.

13

Já nesta época era comum a médicos a sua participação na vida oficial de Campanhas, como indica a composição de Câmaras Municipais. Foi vereador o dr. Ricardo Gumbleton Launt, em muitas legislaturas, seguindo com vasto acervo de trabalhos, seguindo o seu antecessor, dr. Justiniano de Melo Franco, que passou ligeiramente pelo nosso legislativo em 1837, e muitos outros, especialmente no século seguinte (1) ~~A partir de~~ ~~1837~~ ~~anteciparam~~ ~~mais de~~ ~~nossa Câmara~~ ~~o dr.~~

17
14
7

Pela segunda metade do século dezoito, ~~Voltando à vida de Campinas~~ vemos
em Campinas o surgimento vitorioso da cultura cafeeira,
dividindo a vida dos grandes senhores do
açúcar ~~os~~ residentes nos solares dos enge-
nhos, com participação nos sobrados
urbanos que cresciam ~~em Campinas~~ na cidade,
com mais desenvolvida cultura, maior luxo
e opulência sob moldes franceses, via-
gens à Europa com a família, pais e
filhos, e envio de moços para estudos
no estrangeiro.

A primeira ideia de proporcionar
a Campinas um hospital, comprova-
-se desde 1817 quando o Tenente Co-
ronel Joaquim Branca Barreto de
Camargo ^{solicitou} ~~requisitou~~ à Câmara
Municipal "carta de data sobre Terras devolutas"
para "o edifício da Santa Casa de Misericórdia
e Hospital dos Lazares, requerendo tudo que
se achava compreendido dentro dos valos que
foram do dito Tenente Coronel Pereira, para erigido
de bois de trabalho e lavouras do mesmo
Hospital". "Também requerem o dito Tenente
Coronel Branca e lhe concedesse tiras para
serviço do mesmo edifício e Hospital a água
que verte no princípio desta vila vindo para
a cidade: o que se lhe concedeu por requisto"

15 Mas desta vez ⁵ainda não tiveram
êxito os esforços daquele ~~padre~~ paulista tão
dedicado à cause pública, até que o Padre
Joaquim José Vieira que havia sido vigário
incomendado (sem estabilidade) de Campinas, ^{se}
~~então~~ ^{dispoz a} com o curso regular no Seminário de ^{fundação.}
São Paulo fundado pelo grande lúcido Dom An-
tônio Joaquim de Melo que, em ^{permanência} ~~curso~~ ~~demonstrado~~
de internato para os aspirantes à vida re-
ligiosa, encontrou o meio de moralizar o
clero que ~~se~~ decaíra de sua dignidade pela
falta de preparo sólido e excesso de privi-
legios a eles concedidos.

As vigárias eram postas em concurso e
os vigários colados, ou inamovíveis, eram no-
meados pelo governo do país. O Padre Vieira
se classificou em primeiro lugar mas a poli-
tica partidária deu a outro o lugar de víga-
rio de Campinas.

O padre Vieira, ~~um~~ homem virtuoso e de
excelente formação humanística e teológica, nada
articulou sobre a injustiça sofrida que, depois,
foi reconhecida pelo Imperador que o nomeou
para Cônego da Sé de São Paulo, com residência em
Campinas, e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Ficar na inatividade não era do feitio do
Padre Vieira; como estava ele convicto da neces-
sidade de um hospital em Campinas, onde os
médicos atendiam seus clientes em suas casas re-
sidenciais e os pobres e escravos em enfermarías
particulares montadas pelo médico em casas
~~particulares~~ ^{particulares} adaptadas para tal fim, cuidou o
solicito Padre Vieira da fundação de uma Santa

casa de Misericórdia, o que conseguiu com
 terreno doado e mais donativos,
 levantando o grandioso edifício espe-
 cialmente projetado pelo seu anti-
 go mestre de Seminário, o arqui-
 teto Frei Eugênio de Anagy, aberto
 o hospital em 1876, numa realização
 magnífica.

~~Com os cursos superiores
 a literatura esticava-se para outros cam-
 pos de atuação. Podemos dizer que
 vasto é o número daqueles que
 brilharam com~~

Passando à cultura intelectual
 da época, vemos que com os cursos
 superiores a literatura esticava-se para
 outros campos de atuação. Podemos dizer
 que vasto é o número daqueles
 que brilharam com

~~Mas como os seus~~
~~superiores, a~~
~~literatura uterina~~
~~para outros exemplos de~~
~~abundância.~~
Saltando para as letras, podemos dizer que
~~As Letras~~
~~Campinas desde muito uniu-se pelo cultivo da letras, e~~
~~se iniciando pelas letras jurídicas, podemos evocar~~
~~o primeiro advogado em Campinas, promissor, foi~~

→ Vasto é o número ¹⁷ daqueles que brilharam com
trabalhos literários em Campinas, especialmente quando
a imprensa da nossa cidade foi uma verdadeira esco-
la de literatura. Então nossos jornais tinham por colabo-
radores o que havia de melhor no grupo literário do Bra-
sil. Mas neste ano ^{que} se comemora um jubileu da
nossa
Comarca, uma visão rápida aponta nomes de filhos
de Campinas que brilharam nas letras jurídicas e
que nem sempre são lembrados ^{como agora,} ~~que~~ de relance,
nos ocorre:

Paulo de Lacerda, ou como registrou o assenta-
mento de suas ~~primeiras~~ ^{primeiras} nupcias, ~~em~~ na Igreja de
Santa Efigênia, em São Paulo, aos 11 de setembro de 1902, —

Paulo Maria Nogueira de Lacerda, nasceu em Campinas,
na então rua do Rosário, aos 25 de janeiro de 1872; foi aluno
do Colégio de Itu, o ~~grande~~ famoso estabelecimento dos
Jesuitas que marcaram seus alunos com o curso ~~de~~
fundamental sólido que os fez personalidades de desta-
que na vida intelectual, ~~o~~ ali ainda se achava na "divisão
dos maiores" em 1889.

Paulo de Lacerda adrogou em São Paulo, com escuto-
rio à sua direita onde estava instalado em agosto de 1899, para
causas de "primeira instância" e "perante o Tribunal de justiça"
"na Capital e no interior". Mudou-se mais tarde para o Rio

18

de Janeiro onde, em ~~1916~~, teve publicado o seu "Código Civil Brasileiro" precedido de síntese histórica e crítica "e seguido de um minucioso índice alfabético e remissivo", "dias depois de promulgado" como diz o seu editor Jacinto Ribeiro dos Santos. Entre muitos trabalhos Paulo de Lacerda se distinguem com o seu tratado publicado sobre letra de câmbio, que o seguiu no campo advocatício durante décadas.

Faleceu no Rio de Janeiro a 1º de agosto de 1937, com 65 anos de idade.

Não ~~nos~~ nos surpreende o desconhecimento do belo natal de Paulo de Lacerda, não só pelos campinenses como pelos seus colegas de profissão que labutam, estabilizados ou temporários, em nossa cidade, como temos constatado. Mas seu nome, conhecido com elevação nas letras jurídicas, merecem, neste conmemorar da fundação da Comarca, uma citação especial assim como o de Rodrigo Otávio de Laungard Meneses, este nascido em 1866 ~~em~~ em Campinas, e falecido no Rio de Janeiro em 1944, com 78 anos de idade e membro da Academia Brasileira de Letras na qual foi fundador da cadeira n.º 35, com livros de versos ^{então} publicados, "Pâmpalos" em 1886, "Poemas e Idílios" em 1887; com livros de prosa "Festas Nacionais" de 1893, "Bodas de Sangue" de 1895, "Homens e Coisas do Paraguai" de 1896, e do drama em verso "Sonhos Funestos", ~~de 1896~~, para ser, depois de acadêmico, autor de muitos outros ^{magníficos} trabalhos.

1937 - 25-I
1872 - 1º-VIII
--- 65

1944 - 28-II
1866 - 11-X
--- 78

Em letras jurídicas muitos outros nomes podiam ser lembrados, como João Egidio de Sousa Mambra, Antonio Carlos de Moraes Sales, ~~Francisco de Sá~~, Antão de Sousa Moraes, e tantos mais, e que não cabem num revoar de memoria como ora fazemos nos duzentos e nove annos da cidade. E neste mesmo rápido perpassar, nos occorrem ~~entre~~ pro-
padores como Pedro Taguez Alvim, Vitor Caruso, Raphael Duarte, Castro Neri, Paulo Nogueira Filho, e o luminar, poeta e orador César Bierrenbach, dentro de uma constelação que brillou com Antero Augusto de Al-
buquerque Ribeiro, nascido em Campinas a 7 de fevereiro de 1878, ~~autor de~~ ~~um~~ ~~de~~ decantado soneto "Cristo de Marfim", reproduzido na esplêndida "Antologia da Poesia Campineira"

(pag 13) de Edmo Goulart:

" Quando depões, sobre o teu Cristo amado,
 - esse crasto que pende de teu peito —
 ungido de ternura e de respeito,
 um beijo de teu lábio imaculado,
 eussacrilego, sinto-me levado,
 ou sego por inveja, ou por despieto,
 a arrebatas o Cristo de teu peito
 e em teu peito morrer crucificado!

Mas, quando vejo de teu lábio crente,
 cair sobre o Jesus a prece ardente,
 talvez por nosso amor, talvez por mim,

ardo na chama intensa dos desejos
 de, arrependido, sufocar meus beijos,
 nesse teu alro Cristo de Marfim".

É ^{ainda} ~~na~~ poesia, quem ²¹ não se recorda do campineiro, como ele mesmo se classificava, Guilherme de Almeida, que na página um de seu primeiro livro, "Nós", estampou este ~~poetico~~ ^{delicioso} soneto:

"O pequenino livro, em que me atrevo
a mudar numa trêmula cantiga
todo o nosso romance, ó minha amiga,
será, mais tarde, nosso eterno enterro.

Tudo que fui, tudo que foste eu deixo
dizer-te: e tu consentirá que o diga,
que te relembre a nossa vida antiga,
nos dolorosos versos que te escrevo.

Quando, velhos e tristes, na memória
rebuscarmos a triste e velha história
dos nossos pobres corações defuntos,
que estes versos, nas horas de saudade,
prolonguem numa doce eternidade
os poucos meses que vivemos juntos."

Na história temos que reverenciar o Sr. Ricardo Gumbleton d'Aumont que colheu toda a tradição histórica que, não sendo história, é ~~uma~~ luz que nos clareia a pesquisa e nos conduz na interpretação documental. E seguindo por um fecundo Benedito Altavoz, talvez o maior em nosso passado; pelo jornalista de seguras crônicas históricas Sr. João Amoral, por Ernesto de Sousa Campos, Omar Magro, Amélia de Resende Martins, na constelação da inteligência campinense.

Que lembraremos da arte em Campinas, a cidade que, na arquitetura religiosa do mundo culto, possui uma obra de entalhe em madeira, do mais alto valor, capaz de extasiar os melhores críticos como tivemos a ventura de ouvir ^{de} visitantes de adiantada cultura artística e conhecimentos adquiridos em constantes viagens pelos centros de arte da Europa, ~~em~~

que os entalhes da ²³Catedral se alinham
aos melhores do acervo mundial desta
especialização artística.

Contou Benedito Álvares que "em 1853,
ou seja, quarenta e seis anos após o seu
início, as obras da Matriz-nova estavam
paralizadas. As taipas apenas se achavam
piladas e cobertos o altar-mór e as
sacristias" (e mais a nave desde 1845, dizem
nos nós).

"Pois bem. Notável pelos benefí-
cios a uma terra que não era a sua,
caro à tradição local pelos serviços
feitos, houve um homem que se dedi-
cou à continuação dos trabalhos do im-
ponente testemunho da iniciativa e da
piedade do campineiros" "Esse homem
foi Antônio Francisco ^{Guimarães} ~~Alves~~, o Bahia
de alcunha; "espírito constantemente em-
buído nas convicções de uma crença
ardente e sincera, entrou-se do parecer
de mandar vir" da então província,
cujo nome tinha, "e onde passara limpi-

(c) Feo Durvin dos Santos, Almeida
nogueira de Campinaes "80 e algo."

das estações da ²⁴ mocidade vendo feitos
e sumptuosos templos, um entalhador
profissional, oferecendo-se para ocor-
rer aos gastos do transporte competen-
te" ()

" Ora, o artista escolhido e chamado
foi Vitorino dos Anjos, natural da Bahia,
homem já de idade avançada, que veio
para Campinaes e, estabelecendo ~~uma~~ um atelier
no lugar onde hoje é o escritório do cura-
to, a 13 de maio, deu começo aos es-
plêndidos trabalhos de entalhe que lhe
deviam immortalizar o nome "

" Esses trabalhos, quando em 1862
tomou a direção do serviço o sr. Antônio
Carlos de Sampaio Peixoto (o Sampaio)
constavam já do altar-mór, tribunas,
dos púlpitos, varanda para o coro,
tapa-reto e algumas colunas para
a capela do SS. Sacramento". A reali-
zação destes trabalhos por Vitoriano
dos Anjos, asseguram que, se não
era ele o autor do "risco" ou projeto
da talha, elle o trouxe da Bahia
onde se executou em igreja de lá,

25
parte do mesmo projeto que funda-
mentou o restante dos entalhados
executados por outro artista, Bernadi-
no de Sena.

"Quantas vezes exclama o Dr. Lú-
cio dos Santos (transcrito por Benedito Otá-
vio), vendo passar este ancião recur-
vado e trêmulo, não me vem à lem-
brança aquele outro desgraçado, o
Afonso Domingues, de que reza "A Abó-
boda", de Alexandre Herculano, mor-
rendo esvaindo-se ao cumprir um
voto solene, quando viu segura e fin-
da a última criação do seu engenho!"

E, em Campinas, "em 1869, um
indivíduo transitando por uma das
ruas desta cidade, a horas não sabi-
das, parou de repente, tomado de extra-
nha curiosidade e espanto. Aprox-
imou-se de alguma coisa e incli-
nou-se. Sobre o chão da rua esta-
va estendido um corpo. Era o corpo
de um ser humano que vivia,
mas corpo de velho, quebrado pelo

(Miguel Alves Feitoria - "A volta da Exposição")
"Correio de Campinas" 10-I-1886 -

peso de oitenta anos ²⁶ e prostrado pelo cansaço e pela fome. O indivíduo tomou aquele corpo com ternura e religioso respeito.

Quem era o braço amigo e caridoso que o acaso conduzira ao pé da desgraça? Francisco de Paula Marques.

Quem era o infeliz ~~de~~ octogenário que a miséria prostrara no pó das ruas? Vitoriano do Anjos" () Mas este grande artista sobrevivera ao fato, falecendo em 30 de julho de 1871, com 106 anos de idade e de continuada ~~indigência~~ pobreza.

Mas outros artistas floriam a vida exuberante de Campinas de ininterrupto progresso ^{por quase todos} ~~o~~ século dezenove como a primeira mulher brasileira dedicada a arte de esculpir - Vicolina Vaz

27

Nicolina Vaz de Assis, nascida em Campinas, filha do médico Luís Gonçalves da Silva Vaz, casada com Sr. Benigno de Assis, desde sua adolescência revelou seu talento de escultora. E foi o escritor de autoridade pela sua cultura e talento Rafael Duarte quem registrou sua atuação pelo campo da Arte.

Nicolina Vaz foi discípula de "Rodolfo Bernardelli na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, e de Denis Puech em Paris, como pensionista que fora do governo do Estado de São Paulo, durante os anos de 1904 a 1907. Enaltecida por diversas menções honrosas, com medalha de prata em 1907, e medalha de ouro na Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1906."

"dela diz o criterioso escritor Saul de Navarro que a sua arte se caracteriza pelo dom suave de plasmar a graça e a candura das crianças" E acrescenta: "Vendo os seus delicados trabalhos sinto toda a infinita beleza dessas miniaturas humanas que são os entes pequeninos, cuja inocência e alegria florescem e brincam no mármore, pelo toque subtilíssimo de suas mãos sensíveis e criadoras"

Mas não foram apenas as nossas

exposições nacionais ²⁸ que viam seus bronzes e mármores. Consciente do seu valor quiz sujeitar à crítica da velha Europa os seus labores, e eis-a transpondo as raias do Brasil em demanda dos grandes centros de cultura artística, tais como França, Itália e Portugal, elegendo também Turim, que abria solene exposição e lá expõe as efígies da República, de Rio Branco, Afonso Pena e de outros presidentes do Brasil." "Mas Nicolau Vaz não se cingiu apenas à escultura de personalidades; o seu talento múltiplo e fortemente criador estendeu-se às diversas concepções de sua arte".

São um encanto as suas fontes e seus outros trabalhos ornamentais derramados pelos parques, pelas alamedas e pelos jardins do Rio e da Paulicéia, alguns deles. Não é tudo. Foi procurar as cidades dos mortos, as moradas sombrias onde solugam suas nênias os salgueiros e os ciprestes, e erigiu nelas os seus monumentos funerários angustiosos, revestidos de símbolos e alegorias de conceito cristão.

29

Do falecer em outubro de 1941, a imprensa de São Paulo tecer louvores a seu talento e a sua vasta obra afirmando que "a crítica foi sempre unânime em consagrá-la como notável artista, confirmando seu valor," e que sua "bagagem artística compõe-se de perto de quinhentos trabalhos"

Nesta data, Senhoras e Senhores, nós, Campinenses de nascimento, de origem e de coração, saudamos nossa terra, valendo-nos de palavras emditas do brilhante estilista e orador, Paulo Álvares Sobro:

"Floresces, minha terra, que eu o sinto"; "berço egrégio, benfazejo e prolífico", "desdobra teu manto rogagante e deixa que o ar, a luz, as formas da tua grandeza banhem"!

5, 29

camp. 13 de julho de 1983
Palestras deste dia no Centro de
Ciências Letras e Artes e